

Franco, J. E. e Caetano, J. R. (coords.) (2020).
Globalização como problema — Temas de estudos globais.
Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra: 256 pp.

PAULO FERREIRA DA CUNHA¹



Globalização como problema — Temas de estudos globais trata-se de um livro recentemente lançado. Obra de grandes nomes, numa brilhante edição da Coleção de Estudos Globais, dirigida pelos professores Guilherme d'Oliveira Martins, João Relvão Caetano e José Eduardo Franco, com a prestigiante chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra.

Adriano Moreira faz-nos perguntar se ainda é tempo para os homens, se pode haver diplomatas de um novo tipo, embaixadores não só de paz como de um novo equilíbrio, de um novo progresso, quando é possível encarar rebeliões de devedores. Recordamos uma excelente entrevista de Jeremy Irons à televisão portuguesa sobre essa passividade ainda dos que devem sem saber, e sem saber realmente a quem (os mercados invisíveis).

¹ Supremo Tribunal de Justiça. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3602-8502>.

José Renato Gonçalves procede a um trabalho importante de limpeza, como diria Carl Sagan. Seria fundamental ter conceitos claros e relativamente consensuais quanto à internacionalização, à mundialização, à globalização, à cooperação e integração económica internacional, à nova ordem económica internacional, etc. Embora não seja o problema central do seu texto, não deixa de nos fazer pensar em conceitos como soberania e Estado de Direito democrático em correlação com esses fluxos e tendências.

Carlos F. Clamote Carreto traz-nos a salutar e revigorante «provocação» de nos fazer recuar à Idade Média para repensar a globalização. Não a Idade Média de longo tempo, que viria até meados do século xx, para alguns, nem a Idade Média gótica e da sua lenda de trevas, mas a Idade Média das cidades e dos mercadores, como vemos no fresco do bom governo no Palazzo Pubblico de Siena. A Idade Média não confinada mas circulante, em que «circulam viajantes e embaixadores, estudantes e mestres, guerreiros, feirantes e mercadores, saltimbancos, exilados e *laboratores*, cavaleiros e sacerdotes» (p. 67), e cujos textos são veículo e testemunho.

Alberto Vieira, que, entretanto, infelizmente partiu, provoca-nos também, com um título que é uma pergunta: «Será o arquipélago da Madeira no século xv a primeira etapa da globalização?». Num certo sentido (depende do exercício de limpeza teórica que se faça),

sem dúvida. Não só a Madeira como marco de globalização, como os madeirenses como seus embaixadores, desde sempre — cidadãos do mundo global. As ilhas são «o princípio do desencravamento do mundo» (p. 101). Seria muito interessante analisar contrastivamente mais essa saga do madeirense, a do português em geral e, por exemplo, a do cabo-verdiano e os ecos que tal tem tido nas nossas várias Saudades. E não podemos esquecer a obra notável *Madeira global: Grande dicionário enciclopédico da Madeira*, dirigida por José Eduardo Franco, à qual o nome de Alberto Vieira se encontra também associado.

Eduardo Paz Ferreira traz-nos à realidade de uma Europa com algumas debilidades de defesa, quer perante fenómenos populistas que já atacam, em alguns países, os fundamentos do Estado de Direito democrático, quer ante fenómenos de integração económica que não acautelam a solidariedade e a justiça social. Chama a atenção para uma «globalização quase sem direito» (p. 136), concluindo que «a política deve dominar a riqueza e não a riqueza a política, como sucede hoje» (p. 137).

Num tema glosado sobretudo em clave económica, Onésimo Teotónio Almeida não fala de custos e de preços, mas de valores. O seu problema é uma ética para a globalização. Considerando a falência da «teorização pós-moderna, o *anything goes* de Paul Feyerabend, mal traduzido, [que] provocou uma esterilidade de que urge fugirmos», preocupa-se com

esse ocaso da moral que alguns decretaram. Mas sabe que é necessário construirmos uma alternativa equitativa (*fair*).

Nessa linha, não pode deixar de convocar-se a educação, que é o tema do texto de João Costa. As escolas preparam as crianças para empregos a inventar, com tecnologias futuras, para resolver problemas não equacionados ainda. E a mudança é global. Importa, pois, que nos preparemos. A sementeira é urgente. William Morris, o grande artista e visionário, afirmou, na sua iluminada conferência *Beleza da vida*, que se o século XIX era o do comércio (obviamente via aí uma globalização), o século XX seria o da educação (com nova globalização) (Morris, 2007: 40). Oxalá esse vaticínio possa vir a concretizar-se ao menos no nosso século XXI.

José Carlos Seabra Pereira dá-nos a dimensão, profundamente humana e complexa, dos diálogos entre Literatura e Cultura e os diferentes enfoques e dimensões do local, do universal, do global, que têm conhecido profundos estudos. Do eu e do outro, do aqui e do ali. Jogos de espelhos, pontes, traduções, influências, todo um pano de fundo de errâncias e raízes preside a um texto que nos desafia, não só no plano puramente literário, mas também no latamente cultural.

António Mega Ferreira leva-nos ao grande e vigoroso mundo literário latino-americano, o qual se ergue como exemplo de internaciona-

lização transcontinental, em que o veículo linguístico comum, a língua espanhola, foi seiva vivificadora. No seu texto, vemos desfilarem grandes autores que aprendemos a admirar. Entre tantos, cinco prémios Nobel: Miguel Angel Asturias, Pablo Neruda, García Márquez, Octavio Paz e Vargas Llosa. Não é, pois, um texto de teoria globalista, mas de globalização *en acción*, se diria, glosando o *in action...* anglo-saxónico.

Gonçalo M. Tavares intitula o seu capítulo «Literatura, imaginação e realidade». É um texto em que a autoria pessoal se encontra muito patente. Digamos que nos transporta para outros horizontes (uma diversa globalização), sobretudo para os da imaginação literária. Penso que é absolutamente extraordinária esta mistura entre o imaginário e a realidade. «Se uma obra de arte conseguir fazer com que uma pessoa sinta que não lhe falta nada, alcançou, então, o seu objetivo» (p. 193). Não podemos esquecer-nos da satisfação pessoal e da força da capacidade efabulatória das pessoas.

Em diálogo precisamente com Gonçalo M. Tavares está o texto de Lilian Jacoto, que muito ilumina o trabalho do autor. Desde logo no seu diálogo com o mundo, e com o mundo globalizado. Lembra os inuítes do Ártico canadiano oriental, que dizem que não estão perdidos, porque o terreno é que lhes fugiu dos pés, e o andarilho Kagge, que diz conhecer o local por nele já se ter perdido. Diz Gonçalo M.

Tavares: «Escrevo porque perdi o mapa» (*apud* p. 195). Lilian Jacoto, também como resistência «à barbárie que vem» (expressão de Isabelle Stengers, *apud* p. 207), reúne os fragmentos e ensaia um fio de Ariadne.

Valérie Devillard, em «A cidade manifesto: porta-voz da mundialização?», chama a atenção para a temática essencial da cidade e da mundialização. *Urbi et orbi*. A cidade que foi cidade-estado, a sociedade mundial que se converte macrocidade? A cidade que, afinal, recordando Nelson Saldanha, será sempre *O jardim e a praça*. Cidade, pois, de passeio público burguês e também palco de movimento, contestação, ocupação de ruas. Cidade, origem do político, não só etimológica.

A globalização é um dos conceitos candidatos a definir nossa contemporaneidade, numa corrida em que entraram, a seu tempo, a sociedade técnica, de massas, da informação, a pós-modernidade e mais alguns. Não podemos esquecer o peso distópico que qualquer uma destas propostas pode ter. Se há reminiscências de passadismos algo localistas, não podemos, contudo, descurar a importância de uma globalização que tenha em consideração também o local, sobretudo o local das raízes. Porque há muitos perigos e danos que derivam de um *cosmopolitismo desenraizado*, chamemos-lhe assim. As lições de Simone Weil, no seu *O enraizamento* (2014), continuam

a merecer ponderação. Claro que os tempos atuais abriram portas. As organizações totais e as sociedades claustrofóbicas definham à luz do sol da globalização. Além da obra de Michel Foucault, *Manicómios, prisões e conventos* (1992), de Erving Goffman, é um livro a não esquecer.

É muito para lá dessa plácida unanimidade de generalização vaga sobre a globalização, criando um falso unanimismo e até um conformismo ante um tópico repetido e não dissecado, que vale esta obra, na sua indagação plural. Em que todos olham o horizonte global, na *glocalização* de terem os pés assentes no seu terreno, munidos do seu, e comum parâmetro de humanidade. Repristinando o homem vitruviano, o símbolo dessa medida de humanidade poderá ser o *modulator* de Le Corbusier. Um leitor de situação (Le Corbusier, 2008: 41), como cada um dos colaboradores desta obra, que nos convida a pensar.

Bibliografia

- Goffman, E. (1992). *Manicómios, prisões e conventos*. (4.^a ed.). Perspectiva. São Paulo;
- Le Corbusier (2008). *Maneira de pensar o urbanismo*. (4.^a ed.). Europa-América. Mem-Martins;
- Morris, W. (2007). *A beleza da vida*. (Trad. de Clara Garcia da Fonseca). &etc. Lisboa;
- Weil, S. (2014). *O enraizamento*. (Trad. e notas de Júlia Ferreira e José Cláudio). Relógio d'Água. Lisboa.